

2

A teoria ferencziana da sedução

Freud abandona sua *neurotica* em 1897 após descobrir as fantasias sexuais das histéricas e a importância da realidade psíquica. Por outro lado, o conceito de trauma se torna mais complexo após a década de 1890, e as últimas formulações de Freud a este respeito estão ligadas às idéias de compulsão à repetição (cf. Freud, 1914 e também Freud, 1920) e angústia (Freud, 1926), num sentido diferente daquele atribuído a um trauma essencialmente sexual e que geralmente estava associado a uma sedução concreta de um adulto em direção a uma criança.

Esta perspectiva é mais tarde retomada por Sándor Ferenczi, aluno de Freud a partir de 1908, que, no entanto, trilhou um caminho diferente de seu mestre. Reacendendo o debate sobre a sedução em psicanálise, Ferenczi resgata algumas postulações freudianas da década de 1890 – os pilares da *neurotica* – sobre a sedução traumática, pressupondo a intervenção de um fator exógeno que altera o aparelho psíquico e descrevendo sedução e trauma de duas formas. Uma primeira forma compreende a sedução e o trauma enquanto estruturantes e, até certo ponto, essenciais para a constituição do sujeito, contribuindo para a estruturação do *eu* da criança (Ferenczi, 1924). Uma segunda forma considera a sedução enquanto patológica, já que o evento traumático não consegue se integrar ao *eu* infantil, colocando em risco o projeto identificatório do sujeito e provocando uma cisão no *eu* (cf. Ferenczi após 1926). Assim, numa leitura do Ferenczi tardio (1931, 1933), a criança se desestrutura sempre que não consegue se reorganizar psiquicamente após uma experiência traumática de sedução, sofrendo uma verdadeira mutilação no seu *eu*.

Desde o trabalho *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios*, Ferenczi (1913) já apontava para a existência de uma relação originária traumática e sedutora com a mãe – a qual seria considerada o primeiro objeto de amor para a criança. Segundo Ferenczi, as primeiras relações mãe-bebê são traumáticas para a criança, na medida em que, através dos cuidados de higiene da mãe, a criança aprende que deve se submeter às leis impostas pelo meio ambiente, e isto numa época em que todo bebê ainda acredita que ser amado e se sentir o

centro do mundo é seu estado natural (Ferenczi, 1913). Deste modo, a onipotência incondicional do recém-nascido se mostra insustentável e ele passa a reconhecer nele próprio além de sentimentos de prazer, também sentimentos de desprazer, que provocam mudanças no seu aparelho psíquico. Nesses primeiros trabalhos a ênfase estava colocada numa vertente positiva da sedução, enquanto organizadora do psiquismo e, de certa forma, inevitável.

Durante a década de 1920 e especialmente em *As fantasias provocadas* (Ferenczi, 1924), Ferenczi tenta explicar as interações existentes entre fantasias infantis precoces, experiência sexual de sedução e trauma. Na sua opinião, a sedução dirigida às crianças e o medo ligado à situação traumática sexual são, até certa medida, inegáveis e importantes para o enriquecimento fantasístico em geral. Para ele, a vivacidade da vida fantasística está diretamente ligada aos acontecimentos vividos na infância, reconhecidos como seduções traumáticas infantis. A pobreza da vida fantasística, por outro lado, está ligada ao fato das crianças serem “excessivamente bem educadas” (Ferenczi, 1993 [1924], p. 247).

Os pacientes, em que fui levado a despertar e a solicitar artificialmente (...) a atividade de fantasia (...), pertenciam em boa parte a classes sociais ou a famílias onde os atos ou os gestos das crianças são controlados desde a mais tenra infância com uma severidade excessiva, (...) onde as crianças não têm nenhuma oportunidade de observar em seu meio e ainda menos de viver o que for de ordem sexual. São, de certo modo, crianças excessivamente bem educadas, cujas moções pulsionais não têm, em geral, ocasião de radicar-se na realidade. (Ferenczi, 1993 [1924], p. 247)

As crianças “excessivamente bem educadas” (*ibid.*, p. 247), na opinião de Ferenczi, não tomam conhecimento nem são vítimas de abusos sexuais em seu meio social, o que, para ele, prejudica a organização do psiquismo infantil e a liberdade futura de fantasiar: “certa quantidade de experiências sexuais (...) longe de prejudicar mais tarde a normalidade (...) antes a favoreceriam” (*ibid.*, p. 248).

Assim, ao explicitar as interações que entrevê entre fantasias sexuais infantis e experiências sexuais de sedução na infância, Ferenczi (1924) valoriza a vertente estruturante da sedução traumática, já que uma certa quantidade de experiências sexuais vividas, ou melhor, de seduções sexuais infantis, funciona como “proteção contra os caminhos anormais que o desenvolvimento é suscetível de adotar” (*ibid.*, p. 248). No entanto, a sedução traumática não deve ser, segundo Ferenczi, vivenciada nem mais nem menos do que “um certo ponto ótimo” (*ibid.*, p. 237). A nosso ver, Ferenczi assim assinala que para ele há um aspecto positivo

da sedução e que, ao contrário do que poderíamos pensar, nem toda experiência sexual de sedução adquire posteriormente um valor patológico para a criança. Por outro lado, quando a sedução não é vivida na medida exata, ela pode ser recalçada, empobrecendo a vida fantasística do sujeito.

Em contraponto a Ferenczi (1924) em *As fantasias provocadas*, Catherine Couvreur (2002) apresenta, em *Le trauma aujourd'hui et ses conséquences*, uma posição mais pessimista sobre o caráter positivo e protetor das experiências sexuais infantis, apontando para a vertente da sedução patológica. Nesta medida, Couvreur aproxima-se mais dos trabalhos de Ferenczi da década de 1930, especialmente do ensaio *Análises de crianças com adultos*, em que Ferenczi (1931), muito interessado nas questões relativas à técnica, afirma que um analista “não se deve declarar satisfeito com nenhuma análise que não tenha culminado na reprodução real dos processos traumáticos do recalçamento originário, no qual repousa em última instância a formação do caráter e dos sintomas” (*ibid.*, p. 73). É provavelmente neste sentido que Couvreur (2002, p. 693) sustenta que as seduções traumáticas na infância contribuem não só para a formação do caráter – consoante com a vertente estruturante da sedução –, como também para a formação dos sintomas – segundo o viés patológico da sedução.

Couvreur está certa, a nosso ver, quando afirma que o tema *sedução* em Ferenczi, na década de 1930, é apresentado a partir de uma visada negativa. No trabalho *Análises de crianças com adultos* (1931), assim como em *Confusão de língua entre os adultos e a criança* (1933 [1932]), *Diário clínico/ Sándor Ferenczi* (1985 [1932]) e *Reflexões sobre o trauma* (1934 [1931-32])¹, Ferenczi escreve claramente sobre o viés patológico da sedução, abordando o tema da sedução de uma forma diferente da apresentada por ele em *As fantasias provocadas* (Ferenczi, 1924).

Continuando nosso raciocínio, percebemos que é também nos anos 1930 que o acento cai sobre a revalorização do conceito de trauma e Ferenczi passa a considerar que o trauma se constitui em dois tempos. No entanto, diferente da

¹ *Reflexões sobre o trauma* é um artigo póstumo de Ferenczi, publicado em 1934. No entanto, ele reúne cinco notas sobre o trauma, que foram redigidas em datas diferentes e publicadas em meio a outras notas tomadas entre 1920 e 1932, sob o título *Notas e fragmentos* (cf. Ferenczi, 1992 [1934], p. 109). Decidimos em nosso trabalho mencionar o ano em que originalmente foram escritas as duas primeiras notas por nós utilizadas. Assim, ressaltamos que a primeira nota, *Da revisão de A interpretação dos sonhos*, foi redigida em 1931, enquanto a segunda, *Da psicologia da Comoção psíquica*, foi redigida em 1932.

perspectiva freudiana dos anos 1890 – em que trauma é representado num primeiro tempo por uma cena, construída a partir de acontecimentos reais ou fantasias que geralmente ocorrem na infância e, num segundo tempo, por uma outra cena que acontece na puberdade –, nos textos do Ferenczi tardio, trauma resulta de um primeiro momento em que um evento precoce e real acontece – as atitudes sexuais sedutoras dos adultos frente às demandas de carinho e verdade das crianças – e, um outro, em que um *desmentido* ocorre no ambiente próximo à criança. Desmentido é aqui entendido como a incompreensão, ou melhor, a negação por parte do adulto de que algo de fato aconteceu com a criança.

Deste modo, principalmente nos ensaios da década de 1930 que versam sobre o fato da origem da neurose estar relacionada com experiências sexuais de sedução entre uma criança e um adulto próximo, Ferenczi retoma os argumentos expostos por Freud na década de 1890, mais especificamente nos trabalhos de 1896. Nesses ensaios ferenczianos, são apresentadas as principais vertentes da sedução traumática, enquanto estruturante e enquanto patológica. Neste sentido, os textos de 1930 têm servido como referência para o estudo da sedução em Ferenczi, já que neles as idéias desenvolvidas pelo autor a partir de 1908 se encontram amadurecidas e compiladas.

Em *Princípio de relaxamento e neocatarse*, já encontramos apontamentos de Ferenczi (1930a) acerca da existência de atitudes incestuosas por parte dos pais, que abusam sexualmente de seus filhos. Estas crianças, por sua vez, participam inocentemente de um jogo repleto de punições e ameaças graves, que lhes é imposto, sofrendo choques violentos, incompreensíveis para elas. Para Ferenczi, as crianças reagem a um choque violento através de uma ruptura passageira com a realidade, já que se sentem incapazes de pensar ou resistir em sua própria defesa.

A primeira reação a um choque é sempre uma psicose passageira, ou seja, uma ruptura com a realidade, por um lado sob a forma de alucinação negativa (perda de consciência ou desmaio histérico, vertigem), por outro, com frequência, sob a forma de uma compensação alucinatória positiva imediata que dá uma ilusão de prazer. (Ferenczi, 1992 [1930a], p. 64-65)

Desta forma, se antes as crianças tinham confiança em si e no mundo externo, após a experiência traumática de sedução, elas se sentem incapazes de se adaptar à situação de desprazer; suas tentativas de defesa se revelam débeis e

ineficazes. A confiança que as crianças têm no mundo externo também é balizada pelo amor que elas esperam de seus pais e que não lhes é suficiente, na medida em que desejam gratificações edípicas que por princípio não podem receber, adoecendo por causa de desejos que não podem realizar. Neste sentido, tanto o desejo insatisfeito quanto a experiência traumática de sedução adquirem valor patogênico.

O trabalho *Análises de crianças com adultos* (Ferenczi, 1931) foi apresentado numa conferência proferida na Associação Psicanalítica de Viena, em 6 de maio de 1931, como parte da comemoração dos setenta e cinco anos de Freud. Ferenczi (1931) constata nessa época que as crianças, numa situação sedutora e por terem medo, sentindo-se ameaçadas, procuram ajuda nas pessoas mais velhas que lhes inspiram confiança, e que, se mesmo assim, ainda se sentem desamparadas, elas perdem os prazeres pela vida e se auto-agridem. Desta forma, as experiências de sedução se tornam traumáticas e patológicas para as crianças, não somente pela situação violenta em si, como também pelo fato dos adultos – antes reconhecidos por elas como protetores – não as acolherem e nem acreditarem em suas histórias.

O pior é realmente a negação, a afirmação de que não aconteceu nada, (...) ou até mesmo ser espancado e repreendido (...); é isso, sobretudo, o que torna o traumatismo patogênico. (...) esses choques graves são superados, sem amnésia nem seqüelas neuróticas, se a mãe estiver presente, com toda a sua compreensão, sua ternura e, o que é mais raro, uma total sinceridade. (Ferenczi, 1992 [1931], p. 79-80)

Para Ferenczi (1931), nas experiências sexuais de sedução, os adultos agem e reagem de maneira inadequada. Além disso, eles negam a verdade sobre os fatos ocorridos com as crianças, desmentem algo que faz parte da vivência real das crianças e, nesta medida, fracassam na tarefa de oferecer-lhes proteção, o que torna a sedução inegavelmente traumática e patológica. Comentando exatamente sobre tais postulados ferenczianos da década de 1930, Costa (1995), no prefácio do livro *Ferenczi: do grito à palavra*, complementa que, segundo Ferenczi, o sentido do acontecimento fica congelado para a criança após a sedução traumática, já que o adulto desmente a sedução sexual –, o que, por sua vez, só permite à criança se culpar, se auto-recriminar. Assim, “a *representação do agressor é negativamente alucinada*, e o que devia ser acusação, revolta,

transgressão, contestação ao outro etc. torna-se submissão e sintomas corporais” (Costa, 1995 *apud* Pinheiro, 1995, p. 14).

Continuando a enfatizar a questão do medo, especificamente no *Diário Clínico*, Ferenczi (1985 [1932]) retorna aos postulados de Freud sobre o complexo de Édipo, registrando uma interpretação diferente sobre a trama edípica, ao sustentar que o complexo de Édipo deve ser entendido como o resultado de seduções sexuais por parte de adultos, dirigidas à criança, que então desenvolve uma fixação no adulto – mãe ou pai – por medo (Ferenczi, 1990 [1985 (1932)], p. 213-219). A fixação da criança no adulto por medo, para Ferenczi, é um evento inegável, que acontece no início da infância, mais especificamente na entrada do Édipo. Este, por sua vez, não se desenvolve por uma identificação prazerosa com os desejos dos pais, contrariamente ao que Freud pensava desde o esboço do complexo de Édipo (Carta Freud-Fliess em 15/10/1897), mas fundamenta-se essencialmente no medo:

O complexo de Édipo não é também uma conseqüência da atividade dos adultos – a tendência passional? Portanto, nada de fixação pelo prazer, mas fixação pelo medo: homem e mulher vão me matar se não gosto disso (se não me identifico aos seus desejos). (Ferenczi, 1990 [1985 (1932)], p. 219)

Assim, de acordo com Ferenczi, as crianças – que são geralmente seduzidas sexualmente por adultos próximos – entram na trama edípica por se sentirem amedrontadas.

Em *Reflexões sobre o trauma*, Ferenczi (1934 [1932]) relata o sonho de uma paciente, com o objetivo de reconstruir as experiências sexuais traumáticas que aconteceram quando ela ainda era uma criança e, de maneira indireta, esclarece-nos ainda melhor sobre essa vertente da sedução que se torna patológica, apesar de ser inegavelmente necessária e estruturante para o sujeito.

Uma pequena carroça é puxada por uma longa fila de cavalos para transpor o pico de uma montanha, sem o menor esforço, por assim dizer. À direita e à esquerda, o precipício; os cavalos avançam a um certo ritmo. Não existe qualquer relação entre o vigor dos cavalos e a facilidade infantil da tarefa. Sentimento de prazer intenso. Brusca mudança de cena: uma jovem (uma menina?) está deitada no fundo de uma canoa, quase morta, muito pálida, um homem gigantesco debruçado sobre ela, esmagando-lhe o rosto. Na canoa, por trás deles, está um segundo homem em pé, um senhor que ela conhece pessoalmente, e a menina tem vergonha de que esse homem seja testemunha do evento. A canoa está cercada de picos montanhosos extremamente altos e abruptos, de modo que ela não pode ser vista de nenhuma parte, exceto de um

aeroplano que voa a uma distância incomensurável. (Ferenczi, 1992 [1934 [1932]], p. 114)

A primeira parte do sonho corresponde, segundo Ferenczi, a um sonho de realização de desejo da paciente, já que ela fantasia ser uma criança que mantém uma relação sexual incestuosa com o pai, o que lhes dá muito prazer: “ambos se divertem muito” (*ibid.*, p. 115). No sonho, o vigor do cavalo representa o pai, enquanto a facilidade infantil da tarefa nos remete à criança. Já a segunda parte do mesmo sonho é, para Ferenczi, a reprodução de uma experiência de sedução infantil, na qual uma criança é seduzida por um homem, enquanto um segundo homem – provavelmente o pai da menina – testemunha o evento sem fazer nada para protegê-la. A sedução real, que deve ter acontecido em segredo, é transposta para a imagem onírica “ela não pode ser vista de nenhuma parte” (*ibid.*, p. 114).

Na opinião de Ferenczi (1934 [1932]), os detalhes desse sonho são representações de uma experiência de sedução real, traumáticas demais para serem lembradas no estado vígil, sendo reproduzidas em sonho. Ferenczi sustenta que a forma e o conteúdo dos sonhos são tentativas de resolução de acontecimentos traumáticos, já que há uma diminuição da censura e do sentido crítico, como também há uma predominância do princípio do prazer. Desta forma, neste artigo Ferenczi afirma que o mecanismo do sonho tem duas funções distintas, a saber, a função de realização de desejo – tal como Freud a descreve em sua obra de 1900, *A interpretação de sonhos* –, e sua função traumatolítica – ou seja, durante o estado de sono, as pessoas tendem a repetir, em sonhos, situações traumáticas não resolvidas e que aspiram por uma resolução.

Apesar das várias indicações anteriores, é somente no trabalho *Confusão de língua entre os adultos e a criança* que Ferenczi (1933 [1932]) expõe de maneira condensada seu ponto de vista sobre a existência de um viés patológico da sedução. A partir da análise de seus próprios pacientes, afirma ter percebido um número grande de casos de crianças – pertencentes a diferentes segmentos sociais da sociedade –, vítimas de seduições sexuais praticadas por adultos próximos a elas. Segundo Ferenczi, adultos molestavam crianças para suprir suas insatisfações, mantendo com elas relações sexuais incestuosas.

Mesmo crianças pertencentes a famílias respeitáveis e puritanas são, com mais frequência do que se ousaria pensar, vítimas de violências e de estupros. São ora os próprios pais que buscam um substituto para suas insatisfações, dessa

maneira patológica, ora pessoas de confiança, membros da mesma família (tios, tias, avós), os preceptores ou o pessoal doméstico que abusam da ignorância e da inocência das crianças. (Ferenczi, 1992 [1933 [1932]], p. 101)

A recorrência de relatos sobre algum tipo de abuso sexual praticado contra uma criança ratifica para ele a hipótese de sedução – de natureza destrutiva e patológica.

Continuando a trabalhar o viés patológico da sedução, Ferenczi (1933 [1932]) ressalta que as situações de sedução acontecem, habitualmente, entre um adulto e uma criança que se amam. De um lado existe uma criança que, através da brincadeira, tanto fantasia quanto desempenha papéis maternais em relação a um adulto. Neste sentido, o jogo lúdico da criança pode até assumir feições eróticas, mas ele se conserva no nível da brincadeira, ou seja, “sempre no nível da ternura” (*ibid.*, p. 101-102). Assim, a criança – sexualmente imatura e despreparada para a situação que lhe é apresentada – interage com o adulto ludicamente, através da linguagem da ternura. Do outro lado, para Ferenczi, existe um adulto que interpreta as brincadeiras e as fantasias infantis como desejos de uma pessoa sexualmente madura, e responde à sedução da criança através da linguagem da paixão. Deste modo, o adulto perde a noção das coisas quando mantém relações sexuais com a criança, invadindo-a com uma genitalidade que ela é incapaz de integrar ao seu *eu* e da qual está muito distante.

O jogo pode assumir uma forma erótica [para a criança] mas conserva-se, porém, sempre no nível da ternura. Não é o que se passa com os adultos se tiverem tendências psicopatológicas, sobretudo se seu equilíbrio ou autodomínio foram perturbados por qualquer infortúnio, pelo uso de estupefacientes ou de substâncias tóxicas. (Ferenczi, 1992 [1933 [1932]] p. 102)

Ferenczi afirma, portanto, que adultos com tendências psicopatológicas, assim como os que fazem uso de substâncias tóxicas ou alucinógenas agiriam através da linguagem da paixão. Neste sentido, segundo Pinheiro (1995), Ferenczi (1933 [1932]) utiliza a palavra paixão para se referir ao adulto que perde seus limites, apresentando um comportamento desmesurado, exagerado, típico de psicóticos. Pinheiro afirma que, nesta medida, “paixão e loucura tornam-se quase a mesma coisa” (Pinheiro, 1995, p. 70).

Segundo Ferenczi (1933 [1932]), nestas situações amorosas, a linguagem da paixão do adulto deve ser entendida como uma manifestação da sexualidade por parte do adulto. A linguagem da ternura da criança, por sua vez, representa

uma forma diferente de expressão do erotismo, com um parâmetro de organização sexual e psíquica que é anterior à sexualidade sob o primado do genital. Assim, sob o ponto de vista de Ferenczi, sempre ocorre uma confusão de línguas quando a linguagem da paixão do adulto e a linguagem da ternura da criança se confrontam num jogo de sedução. O adulto toma a linguagem da ternura da criança como linguagem da paixão, enquanto a criança, que não dispõe de elementos que a instruem sobre qual sentido dar às experiências de sedução, busca, então, compreender os acontecimentos traumáticos a partir dos enunciados proferidos pelos próprios adultos.

Nos trabalhos da década de 1930, Ferenczi sustenta ainda que, por causa da confusão de línguas que se estabelece entre o adulto e a criança, assim como por causa do sentimento de abandono que as crianças experimentam após a situação sedutora, pode ocorrer uma cisão do *eu* – uma clivagem narcísica –, que acontece em resposta à situação de perigo. Assim, já em *Análises de crianças com adultos*, ele (Ferenczi, 1931) afirma que:

Tudo se passa como se, sob a pressão de um perigo iminente, um fragmento de nós mesmos se cindisse sob a forma de instância autoperceptiva que quer acudir em ajuda, e isso, talvez, desde os primeiros anos da infância. (Ferenczi, 1993 [1931], p. 78).

Deste modo, uma parte do *eu* da criança começa a desempenhar o papel da mãe ou do pai com a outra parte ou, então, partes do corpo da criança transformam-se em representantes da pessoa toda, tornando o sentimento de abandono nulo e sem efeito.

Além da clivagem narcísica do *eu*, Ferenczi (1931) postula também que há um outro tipo de mecanismo de defesa de que a criança lança mão, quando a mesma é submetida à situação sedutora, sem, no entanto, especificá-lo. Este mecanismo de defesa, que é patológico, seria chamado, em 1932, de introjeção do agressor (Ferenczi, 1933 [1932]). O sentimento de culpa que o pai ou a mãe deveriam sentir, mas não sentem é, desta forma, introjetado pela criança, que assume a responsabilidade pelo ato de sedução – responsabilidade que a princípio não é dela, mas do agente sedutor –, sentindo-se invadida nas defesas de seu *eu*.

Uma discussão mais aprofundada da noção de introjeção do agressor, em Ferenczi, que aparece especialmente em *Confusão de língua* (Ferenczi, 1933 [1932]), requer uma retomada do conceito de introjeção em dois outros trabalhos

anteriores de Ferenczi: *Transferência e introjeção* (1909) e *O conceito de introjeção* (1912). No trabalho de 1909, Ferenczi afirma que existe um “processo de diluição” (Ferenczi, 1988 [1909], p. 36), pelo qual a criança tenta atenuar a tonalidade penosa de aspirações insatisfeitas ou impossíveis de satisfazer. A esse processo de diluição, Ferenczi (1909) chamou de introjeção, um processo segundo o qual a criança inclui em sua esfera de interesses uma parte do mundo exterior, com vista a torná-lo objeto de fantasias conscientes e inconscientes. Assim, as produções fantasísticas, para Ferenczi, resultam do processo de introjeção do mundo externo no *eu*.

No texto *O conceito de introjeção*, por sua vez, Ferenczi (1912) complementa sua definição de introjeção, quando afirma que introjeção é uma fusão entre os objetos de amor e o *eu* da criança, processo que está no cerne da constituição do *eu*, organizando e estruturando o funcionamento psíquico do indivíduo tanto sadio quanto neurótico:

Descrevi a introjeção como a extensão, ao mundo exterior, do interesse, de origem auto-erótica, pela introdução de objetos exteriores na esfera do ego. Insisti nesta ‘introdução’, para sublinhar que considero *todo amor objetual* (...) como uma extensão do ego ou *introjeção*, no indivíduo normal como no neurótico. (Ferenczi, 1988 [1912], p. 61)

Acompanhando o raciocínio ferencziano, inicialmente a criança experimenta todas as coisas como advindas de um único lugar, não separando estímulos externos de processo psíquico. Somente num segundo momento, ela distingue que há coisas que “permanecem a sua disposição e submetidas ao seu querer” (*ibid.*, p. 37) e outras rebeldes a sua vontade.

Ao trabalhar este ponto da teoria ferencziana, Pinheiro (1995) acrescenta que, nos trabalhos de Ferenczi de 1909 e 1912, o processo de introjeção é responsável pela fundação do aparelho psíquico, a partir da inscrição do binômio prazer/desprazer. Pinheiro (1995) ressalta que o mesmo adulto que se apresenta como alguém que faz parte do mundo externo e que perturba, escapando ao controle da criança, também tem uma função estruturante para a criança. Por outro lado, concordando com Ferenczi, Pinheiro afirma que a criança desencadeia um outro mecanismo de defesa, o processo de projeção, quando sente um desprezer interno, provocado pela descoberta de que seus pais têm vontades próprias.

Assim, a introjeção deixa de ser o único mecanismo de defesa de que dispõe o *eu* da criança.

(...) o adulto, mais cedo ou mais tarde, será compreendido pela criança como alguém *dotado de uma vontade própria*. A criança experimentará, num momento ou outro, o desprazer imposto por este objeto introjetado (o adulto) que não é completamente controlável (...). Quando a criança começa a não mais suportar o desprazer interno, ela deve se utilizar do processo de projeção. O adulto tem aí uma função estruturante. Pelo desarranjo que provoca, o processo de introjeção deixa de ser satisfatório. (Pinheiro, 1995, p. 38)

Em *Confusão de língua*, o conceito introjeção, por sua vez, adquire um novo significado. Neste ensaio, ao discorrer sobre a sedução, Ferenczi (1933 [1932]) ressalta que se o processo de introjeção iniciado não pôde ir até o fim, a fantasia da introjeção ocupa o lugar dessa não-introjeção. Referindo-se ao assunto, Pinheiro comenta:

Maria Torok (1978, p. 259-277) ressalta com pertinência a evolução do conceito. Torna-se claro que aquilo que Ferenczi chama de “introjeção do agressor”, em 1932, é a ausência propriamente dita da introjeção. Para resolver esse problema de terminologia, Torok e Abraham decidiram chamar de “incorporação” à introjeção do agressor, ou seja, a introjeção que não acontece, o que facilita muito a compreensão das diferenças entre introjeção de 1909 e a mencionada em 1932. (Pinheiro, 1995, p. 52).

Desta forma, nas palavras de Pinheiro, é porque “a introjeção não se realiza ou porque o objeto de interesse desapareceu, ou porque o objeto não possui as condições necessárias para servir de mediador” (*ibid.*, p. 53), que o *eu* encontra, segundo Ferenczi, outra solução que é patológica, ou seja, a *incorporação* do agressor. Assim, nos anos 1930, por causa do medo intenso que experimenta numa situação de sedução, a criança pode emudecer, perder a consciência ou esquecer de si mesma, identificando-se completamente com o agressor.

(...) esse medo, quando atinge seu ponto culminante, obriga-as a submeter-se automaticamente à vontade do agressor, a adivinhar o menor dos seus desejos, a obedecer esquecendo-se de si mesmas, e a identificar-se totalmente com o agressor. Por identificação, digamos, por introjeção do agressor, este desaparece enquanto realidade exterior, e torna-se intrapsíquico; mas o que é intrapsíquico vai ser submetido (...) ao processo primário, ou seja, o que é intrapsíquico pode, segundo o princípio do prazer, ser modelado e transformado de maneira alucinatória, positiva ou negativa. Seja como for, a agressão deixa de existir enquanto realidade exterior e estereotipada (...). (Ferenczi, 1992 [1933 [1932]], p. 102)

Segundo Ferenczi (1933 [1932]), a criança se identifica com o agressor, ou seja, ela o introjeta, pois não consegue dar sentido ao que houve e possui um *eu* ainda frágil para reagir contra a força e a autoridade do adulto. Defensivamente, para não abandonar seu objeto de amor idealizado, a criança introjeta o sentimento de culpa e o remorso próprios do adulto que a seduziu, caindo num estado onírico ou de transe, no qual é mais fácil deixar de perceber a sedução sexual sofrida. Assim, a criança não precisa também perder seu objeto idealizado de amor, na medida em que, introjetando a culpa do agressor, ao mesmo tempo o absolve de toda a responsabilidade pela sedução sexual.

Se a introjeção do sentimento de culpa do agressor está ligada ao fato da criança poupar o adulto sedutor de toda a responsabilidade pelo abuso praticado, no entanto também está referenciada à própria reação dessa criança, que sai da total passividade em que se coloca como vítima e passa a ser a responsável pela situação. Assim, apesar da criança se tornar, por incorporação, seu próprio agressor, de outra forma ela nega a experiência de sedução, assim se sentindo vitoriosa, podendo inclusive extrair algum prazer pela sua própria fragmentação.

No trabalho *Confusão de língua*, Ferenczi (1933 [1932]) observa que, embora consiga extrair prazer do processo de clivagem narcísica, a criança também sente muita vergonha de si, pois o adulto sedutor quase sempre se comporta como se nada tivesse acontecido. A criança abusada sexualmente pode então, após se identificar com o agressor, começar a obedecer mecanicamente, assim como se fixar em atitudes obstinadas. Pode também manifestar sentimentos e potencialidades próprias dos adultos, em questões relacionadas ao matrimônio, à paternidade e à maternidade, na medida em que, a partir da experiência traumática de sedução, uma parte do *eu* da criança – um *eu* pós-traumático, que é prematuro e patológico – se torna tanto adulto e protetor quanto sábio e culpado, em função das mudanças a que se submete e, principalmente, em função de um amadurecimento adquirido às pressas. Por outro lado, uma outra parte do *eu* cindido da criança se mantém na ternura.

A criança que sofreu uma agressão sexual pode, de súbito, sob a pressão da urgência traumática, manifestar todas as emoções de um adulto maduro, as faculdades potenciais para o casamento, a paternidade, a maternidade, faculdades virtualmente pré-formadas nela. Nesse caso, pode-se falar (...) de *progressão traumática* (patológica) ou de *prematuração* (patológica). Pensa-se nos frutos que ficam maduros e saborosos depressa demais, quando o bico de um pássaro os

ferre, e na maturidade apressada de um fruto bichado. (Ferenczi, 1992 [1933 [1932]], p. 104)

Assim, na opinião de Ferenczi (1932), após a experiência traumática de sedução, a criança se torna, ela mesma, um adulto. Essa maturidade adquirida às pressas se deve às tentativas da criança de superar o sofrimento decorrente da agressão. No entanto, mesmo quando ela consegue, continua confusa, sentindo-se tão inocente quanto culpada, duvidando de seus próprios sentidos.

Ferenczi pontua que, no que concerne às tentativas de dar sentido ao que não fez sentido, bem como encontrar proteção numa segunda pessoa – a mãe, por exemplo –, as crianças não têm de um modo geral o resultado esperado. Buscando entender o que se passou com ela, a criança conta para a mãe sobre a sedução. Esta, por sua vez, não acredita na história – ou seja, não suportando o relato da criança, a mãe a desmente. Sob o olhar desta mãe, a sedução é falsa, não passa de fantasia infantil. A surpresa provocada pela resposta da mãe ao pedido de ajuda da criança cria, deste modo, mais confusão.

O protótipo de toda confusão é estar “perdido” quanto à confiabilidade de uma pessoa ou de uma situação. Estar perdido é: ter-se enganado; alguém, por sua atitude ou palavras, fez “cintilar” uma certa relação afetiva; o momento do desvario intervém quando se vai ao encontro de uma situação com uma certa representação antecipada e, no lugar disso, encontra-se uma outra coisa, freqüentemente o oposto; portanto: ser surpreendido por alguma coisa. A confusão corresponde ao momento situado entre a surpresa e a nova adaptação. (Ferenczi, 1990 (1985 [1932]), p.84)

Causando surpresa e confusão, esse desmentido da mãe impede que ocorra o processo de introjeção no *eu* – tal como Ferenczi propôs em 1909 e 1912 –, o que desestrutura psicologicamente a criança. Em outras palavras, através do desmentido, a mãe deixa de intermediar a fala da criança, desautorizando sua própria existência. O desmentido adquire, pois, valor traumático e desestruturante, na medida em que o enunciado da mãe tem valor de verdade absoluta e o enunciado da criança, ao contrário, tem valor de mentira absoluta.

Assim, tanto o adulto agressor como também aquele segundo que não acredita na história de sedução quebram a relação de confiança até então estabelecida com a criança. A criança não mais se identifica com o adulto como aquele que a ama e a acolhe, mas o introjeta como aquele que a invade e a traumatiza, ou seja como um agressor. Deste modo, o processo de introjeção fica comprometido, gerando, com a confusão de línguas, um trauma.

Finalmente, a partir da noção de introjeção do agressor, Ferenczi (1933 [1932]) infere que, apesar de existir um componente traumático na relação com o outro – no caso, um adulto que age incestuosamente contra uma criança –, esta relação é também constitutiva da sexualidade e do próprio aparelho psíquico da criança, pois a confusão de línguas – a partir da linguagem da paixão, cujo portavoz é o adulto – por sua vez também promove a transmissão de interditos, tabus e regras sociais.

* * *

Antes de ser apresentado no XII Congresso Internacional de Wiesbaden em 1932, o ensaio *Confusão de língua* foi lido por Freud em Viena. Não concordando com os postulados ferenczianos sobre a sedução traumática enquanto cerne da neurose, mais tarde, Freud então influencia analistas como Jones e Eitington a também retaliarem o trabalho de Ferenczi.

Freud estava certo de que o trabalho que Ferenczi havia preparado não faria nenhum bem a sua reputação e solicitou-lhe que não o lesse naquela reunião. Brill, Eitington e van Ophuijsen foram mais além, e pensaram que seria escandaloso que tal trabalho fosse lido diante de um congresso psicanalítico. Eitington (...) decidiu-se por proibi-lo firmemente. Por outro lado, achava eu que o trabalho era muito vago para provocar qualquer impressão decisiva, tanto favorável como desfavorável (...). (Jones, 1932 *apud* Masson, 1984, p. 162)

Depois da morte de Ferenczi, Freud (1933) escreve uma carta a Eitington sobre sua decepção com Ferenczi, na qual mais uma vez insiste que as lembranças de sedução, assim como os traumas sexuais infantis são, na verdade, fantasias.

Sua fonte é o que os pacientes lhe contam quando consegue conduzi-los ao que ele próprio chama de um estado semelhante à hipnose. Então considera o que ouve como revelações, mas o que se obtém realmente são fantasias dos pacientes sobre a própria infância, e não a história [real]. Meu primeiro grande erro etiológico também se originou assim. Os pacientes sugerem alguma coisa a ele, e ele então as inverte. (Carta Freud-Eitington de 28/08/1933 *apud* Masson, 1984, p. 171)

Na opinião de Freud, a teoria da sedução construída por Ferenczi a partir de relatos de pacientes que são seduzidos na infância é insustentável, não estando no cerne das neuroses históricas. Todavia, ao contrário do que Freud previu após a leitura do trabalho de Ferenczi de 1932, tanto Masson (1984) quanto Bokanowski (2000) frisam que Ferenczi não enfrentou problemas ou retaliações por parte da

sociedade psicanalítica, mesmo depois de ter exposto as principais idéias sobre a sedução traumática no trabalho *Confusão de língua*.

Existem, entretanto, algumas cartas de Jones (Carta Jones-Freud de 09/09/1932 *apud* Masson, 1984, p. 163) e Brill (Carta Brill-Jones de 06/06/1933 *apud* Masson, 1984, p. 161) que apontam para a existência de um certo desconforto por parte de diferentes analistas no que se refere ao conteúdo do artigo. Com a morte prematura de Ferenczi, a publicação na língua inglesa de *Confusão de língua* foi suspensa, o que tranqüilizou a comunidade psicanalítica, já que a versão original alemã do ensaio dificilmente circularia por outros países, na década de 1930 (Masson, 1984).

No *Diário Clínico* (Ferenczi, 1985 [1932]), há registros sobre sedução e trauma psíquico, ligando-os principalmente à questão da clivagem do *eu*, assim como depoimentos de suas crises de relacionamento com Freud, na década de 1930. Em todas as análises registradas no *Diário*, a recorrência de relatos de experiências de sedução sexual traumática por pacientes de Ferenczi é o assunto que mais se destaca.

Os constantes atrasos na publicação dos textos escritos por Ferenczi depois de 1929, sendo alguns deles sobre sedução, apontam para as resistências de psicanalistas influentes à divulgação das idéias ferenczianas, mesmo após a morte dele em 1933. Somente para exemplificar, Jones, que na época era editor da *International Psychoanalytical Library*, quis excluir das edições inglesas todos os textos de Ferenczi entre 1929 e 1933, e, em 1957, publicou o volume III da biografia de Freud, que contém críticas depreciativas a Ferenczi. Tantas resistências contribuíram para que o *Diário* continuasse conhecido somente por um círculo muito restrito de psicanalistas². Por outro lado, após a morte de Ferenczi, a própria Sra. Ferenczi foi aconselhada pelo casal de psicanalistas Alice e Michel Balint a aguardar que as repercussões imediatas das desavenças entre Freud e Ferenczi se atenuassem. Sobre o assunto, Balint comenta no prefácio do *Diário Clínico*:

(...) realmente não era um clima favorável à publicação do *Diário*, com suas numerosas idéias originais, de natureza a instigar a reflexão, com seus erros

² Chamamos a atenção para o fato de que, apesar de ter sido redigido por Ferenczi entre janeiro e outubro de 1932, o *Diário* só foi publicado em 1985.

e seus exageros, suas intuições profundas, mas freqüentemente inquietantes. (Balint, 1969, p. 3 *apud* Ferenczi, 1990 [1985 [1932]])

Por motivos semelhantes aos obstáculos à publicação do *Diário*, foi necessário ainda mais tempo para que a correspondência Freud-Ferenczi, escrita nos anos 1930, fosse publicada pela primeira vez. Nela existem algumas cartas que marcam as discordâncias entre Freud e Ferenczi sobre a teoria da sedução.

É inegável que nos últimos anos você se isolou de novo, coisa que havia superado tão brilhantemente quando era o líder e o mestre de Budapeste. (...) você deve deixar a ilha de sonho na qual está vivendo com os seus filhos de fantasia, e de novo tomar parte na luta dos homens. (Carta Freud-Ferenczi de 12/05/1932 *apud* Masson, 1984, p. 158)

A solicitação de que você não publicasse o ensaio antes de um ano foi feita em primeiro lugar no seu interesse. Não queria abandonar a esperança de que você viria a reconhecer em trabalhos posteriores a inexatidão técnica de suas conclusões. (...) Não acredito mais que você irá se corrigir, como me corrigi há uma geração. (Carta Freud-Ferenczi de 02/10/1932 *apud* Masson, 1984, p. 162)

Na carta de 02/10/1932³ (Freud, 1932 *apud* Giguère, 1997), Freud explica a Ferenczi que o tema da sedução traumática o remeteu a um sonho antigo, o sonho *Hella* (Freud, 1897 *apud* Masson, 1986, p. 250), e que esta lembrança o irritou mesmo depois de tantos anos do abandono de sua *neurotica*. Afirma que dois elementos deviam ser sublinhados no sonho *Hella*: seus sentimentos excessivamente afetuosos com relação à filha Mathilde, que tinha nove anos em 1897; e a condensação Mathilde-Hella, já que, no sonho, sua filha Mathilde se chamava Hella, como a sobrinha de Freud. Nas palavras de Freud (1932), o primeiro elemento do sonho – sentimentos afetuosos por Mathilde – o remete a uma posição triplamente incestuosa: em relação a Mathilde, em relação a Hella e em relação a Anna – uma das irmãs de Freud e a mãe de Hella –, sendo mais uma confirmação de sua teoria da sedução. Nessa carta, Freud inconscientemente se confronta com a idéia insuportável de ser ele próprio um pai sedutor, responsabilizando-se pelos sentimentos incestuosos em relação a Mathilde, no sonho *Hella*.

³ O artigo de Giguère é uma fonte bibliográfica importante, pois começa com a reprodução, na língua francesa, de todo o conteúdo da carta Freud-Ferenczi, de 02/10/1932. Foram encontrados somente trechos em português desta mesma carta, traduzidos e comentados, respectivamente, por Masson, 1984 e Bokanowski, 2000.

Para Giguère (1997), que trabalha extensivamente a carta Freud-Ferenczi de 02/10/1932 no artigo *La lettre rêvée: une correspondance imaginaire Freud-Ferenczi*, a cena manifestamente incestuosa do sonho *Hella* confirma a *neurotica* freudiana. Giguère ressalva que a retomada da teoria da sedução traumática por Ferenczi na década de 1930 – cuja pertinência foi questionada por Freud na Carta de 02/10/1932 – é importante para a história da psicanálise, sem, no entanto, explicitar detalhadamente quais os motivos que o levaram a sustentar tal ponto de vista.

Masson (1984), por sua vez, assim como Giguère, acredita que as novas observações de Ferenczi sobre a sedução – uma sedução que, na opinião deles, deveria ser analisada primordialmente segundo a vertente da sedução que é inegavelmente patológica –, como também sobre o trauma, marcam uma mudança nos rumos da psicanálise nos anos 1930, na medida em que os ensaios de Ferenczi demonstram aos círculos psicanalíticos como a psicanálise se desenvolveria caso Freud não tivesse abandonado a *neurotica* em 1897. Finalmente, Masson (1984) ressalva que Ferenczi arriscou perder sua posição frente à comunidade psicanalítica para defender suas postulações sobre os casos de sedução traumática a que tantas mulheres haviam sido submetidas na infância.

Concluindo, talvez também por suas inovações técnicas, que eram no mínimo ousadas para a época – como a proposta ferencziana da análise mútua, por exemplo –, no final de sua vida Ferenczi foi considerado psicótico, sendo suas posições teóricas sobre a recorrência das experiências traumáticas de sedução e suas implicações – ora estruturantes ora desestruturantes – questionadas, o que justificaria as resistências às publicações dos trabalhos que haviam sido escritos por Ferenczi entre 1929 e 1933, entre eles os que versavam sobre o assunto da sedução.